

## **As trans-existências nos territórios do ensino de Biologia: das capturas aos escapes**

### **The trans-existences in the territories of the teaching of Biology: from capture to escapes**

**Sandro Prado Santos**

Universidade Federal de Uberlândia – ICENP/UFU  
sandro.santos@ufu.br

**Elenita Pinheiro de Queiroz Silva**

Universidade Federal de Uberlândia – FACED/UFU  
elenita@ufu.br

#### **Resumo**

O presente trabalho apresenta dados de uma pesquisa de doutorado em que nos dispusemos a cartografar os territórios do ensino de Biologia a partir dos agenciamentos do encontro com experiências de pessoas *trans*, mapeando as possíveis ressonâncias na Educação em Biologia. Nesse texto, selecionamos as grafias das paisagens territoriais que foram se compondo nos encontros – diálogo-entrevista - com três professoras de Biologia, tendo como objetivo apresentar as linhas de capturas e de fugas que foram sendo produzidas durante a nossa viagem pelos territórios. Mapeamos movimentos de forças/fluxos desenhando certas composições e desfazendo outras, produzindo diferenças, emergindo pequenos abalos sísmicos nas paisagens territoriais classificatórias dos saberes disciplinares da Biologia.

**Palavras chave:** capturas, ensino de Biologia, re-existências, transexistências.

#### **Abstract**

The present work presents data from a doctoral research in which we set out to map the territories of the teaching of Biology from the assemblages of the encounter with experiences of *trans* people, mapping the possible resonances in Education in Biology. In this text, we selected the spelling of the territorial landscapes that were composed in the meetings - dialogue-interview - with three teachers of Biology, aiming to present the lines of capture and fugues that were produced during our trip through the territories. We map forces/flows movements drawing certain compositions and undoing others, producing differences, emerging small seismic shocks in the territorial landscapes classificatory of the disciplinary knowledges of Biology.

**Key words:** captures, teaching of biology, re-existences, trans-existences.

#### **Palavras iniciais**

O presente trabalho apresenta dados de uma pesquisa de doutorado (SANTOS, 2018) em que nos dispusemos a cartografar (DELEUZE; GUATTARI, 2011) os territórios do ensino de

Biologia a partir dos agenciamentos do encontro com experiências de pessoas *trans*<sup>1</sup>, mapeando as possíveis ressonâncias que a aliança - *Experiências de pessoas trans – Ensino de Biologia* - pode produzir a modos de vida *outros* em Educação em Biologia.

Nesse texto, selecionamos as grafias das paisagens territoriais que foram se compondo nos encontros – diálogo-entrevista<sup>2</sup> - com três professoras de Biologia, a professora Alice Pagan<sup>3</sup> que atua no departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe e que se autoidentifica como mulher *trans* e as professoras Angélica e Carolina<sup>4</sup> (não *trans*) da rede estadual de educação básica do estado de Minas Gerais. Elas mobilizaram e movimentaram a construção e o desenvolvimento da investigação que propusemos. Nesse contexto, temos como objetivo apresentar as linhas de capturas e de fugas que foram sendo produzidas durante a nossa viagem com essas três professoras pelos territórios do ensino de Biologia.

Esse diálogo é provocativo e potente para pensarmos o tema da 12ª edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), que estabelece atravessamentos da diferença, da justiça social e da democracia nas pesquisas em Educação em Ciências. Dialogar com as experiências de vida de pessoas *trans* é lidar com “[...] tudo aquilo que a racionalidade moderna exclui, desconheceu, definiu como passível de punição, de normalização e medicalização” (ALBUQUERQUE-JÚNIOR; VEIGA-NETO; SOUZA-FILHO, 2011, p. 9), configurando desse modo, no campo da Educação em Biologia, textos curriculares e pesquisas das margens para professores/as de Ciências e Biologia. Os livros didáticos e as marcas oficiais do campo dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (ENEBIO's) têm sinalizado um silenciamento ensurdecido e uma invisibilidade das *trans*-existências. Ficamos nos perguntando: essas vidas importam aos territórios do ensino de Biologia? São experiências (im)pensáveis, inimagináveis, impossíveis e incompatíveis com os textos curriculares e as pesquisas em Educação em Ciências?

Temos se debruçado na ampliação do debate apostando em um delineamento teórico e cartográfico que vem produzindo possibilidades de pensarmos outras biologias carregadas de vida, bem como as insurgências de corpos, gêneros e sexualidades *outros* para potencializar torções de sentidos nas lições da Biologia escolar. Para isso, insistimos na aliança com as existências *trans*.

### **Povoando os territórios do ensino de Biologia: linhas (in)suspeitadas**

Nas viagens pelos territórios é impossível abandonar os relevos que, majoritariamente, os compõem. São planos de organização ou desenvolvimento que define um corpo por seus órgãos e suas funções. E estende essa filiação, numa correspondência de identificação entre duas relações, ao campo do gênero e da sexualidade. O corpo passa a ser definido pela forma que o determina, como uma substância ou sujeito determinado, pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Nesse sentido, o corpo, o gênero e a sexualidade não param de ser segmentarizados no campo do Ensino de Biologia.

A lógica binária, da dicotomia masculina e feminina, e as relações biunívocas dominam as paisagens dos territórios, tornando-os fechados e arbóreos. Os sistemas arborescentes são

---

<sup>1</sup> Utilizamos “experiências de pessoas *trans*” para não fazer referência direta a uma denominação médica/patológica e por não referenciar um arranjo unívoco entre as muitas possibilidades relacionadas aos deslocamentos de gênero das pessoas *trans*. Reafirmamos a polifonia das pluralidades de experiências possíveis com/nos corpos, gêneros, sexualidades e desejos.

<sup>2</sup> A entrevista foi o investimento em diálogo, uma conversa em que ficamos atentos às multiplicidades de linhas que compõem os percursos de des-territorializações, as passagens, as paisagens e aos traçados das linhas de fugas em cada entrevista. (DELEUZE; PARNET, 1998).

<sup>3</sup> Alice Pagan autorizou a utilização do seu nome social na pesquisa.

<sup>4</sup> Angélica e Carolina são nomes fictícios utilizados por essas professoras ao longo da produção da pesquisa.

hierárquicos e comportam centros de significância e de subjetivação que preexiste ao indivíduo, admitindo uma explicação/interpretação topológica. (DELEUZE; GUATTARI, 2011). A sexualidade, mesmo reunindo os dois sexos, é submetida ao modelo da reprodução e da genitalidade. A arborescência endurece e estratifica os corpos, os gêneros e a sexualidade numa fundação e prisão identitária. Nessa perspectiva, os corpos, gêneros e sexualidades são estrangulados pelo organismo e anunciado em uma escrita orgânica.

Quando irrompíamos com as experiências de pessoas *trans* nos territórios do ensino de Biologia, convulsionando tais paisagens estabelecidas, pouco era esboçado um movimento de (re)composição territorial de modos de existências *outros* para além dos sistemas arborescentes. Parecia que as experiências de pessoas *trans* não conseguiam encontrar canais de existencialização. Parecia que menos passagens se abriam nos territórios. Parecia que tinham exaurido todas as forças das possibilidades *outras* de corpos, gêneros e sexualidades. Parecia que os espaçamentos, os buracos e as brechas sempre estavam cobertos pelo significante e pelas imposições normativas dos territórios. Parecia a morada da verdade, da essência, do significante, da bio-*lógica*. Territórios com solos férteis para toda espécie de determinismo. Parecia não ser possível sabotar os territórios, esburacá-los e bloquear suas produções normativas. A batalha parecia perdida.

No entanto, os encontros com as leituras de Foucault (1988), Deleuze e Guattari (2011, 2012), bem como as alianças com as pessoas *trans* me convocaram a outros olhares, traçados, lugares e (re)composições das paisagens territoriais. Grafias foram dando pistas, nuances e movimentos no mapeamento supostamente estático dos territórios. *Ora* povoados de discursos exatos de corpos, gêneros e sexualidades *ora* atravessados por torções e deslocamentos de sentidos. Cartografamos pelos territórios capturas e escapes que operam com/por dispositivos (FOUCAULT, 1988) e agenciamentos, criando traçados territoriais que proporcionaram um desdobramento valioso para o propósito da noção de corpo, sexo, gênero e sexualidade.

Entendemos a educação em Biologia como um “[...] território político, ético e estético incontrolável que, se é usada para regular e ordenar, pode também ser território de escapes de todos os tipos, no qual se definem e constroem percursos inusitados [...] trajetões grávidos de esperança a serem percorridos”. (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14). As sexualidades “são vivências de sensações, desejos e prazeres que, se podem imprimir sofrimentos e exclusões, do mesmo modo podem desencanaixotar emoções [...] e fazer tremer os controles que buscam a todo custo conter a vida que jorra”. (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14). Gênero “é a teoria explicativa dos processos históricos de construção do masculino e do feminino que, se pode dividir, normalizar e hierarquizar, também pode abrir brechas, acolher as diferenças e multiplicar possibilidades de ‘vidas vivíveis’”. (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14). O que pode acontecer entre a experiência de pessoas *trans* e os territórios do ensino de Biologia? Que agenciamentos e acontecimentos podem surgir desse encontro (im)pensável?

### **Esburacando e desarranjando os territórios: abrindo espaços para outras Biologias...**

As discussões das experiências de pessoas *trans* sempre escapam, impõem e irrompem as aulas de Biologia, pois meninos e meninas que se autoidentificam como *trans* transitam pela escola e as reportagens midiáticas com essas pessoas ganham a cena na sala de aula, por exemplo, veiculação na internet de um homem grávido<sup>5</sup>.

*[...] os/as meninos/as falaram isso dentro de sala. [...] Entenderam e*

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2014/11/americano-conhecido-com-homem-gravido-e-preso-por-perseguir-ex.html>>. Acesso em setembro de 2016.

*acharam que era um homem, afirmaram que era um homem [...] aí me questionaram: “como ele ficou grávido? O homem tem útero?”. Eu falei: “homem não tem útero”. Eles/as disseram “mas vimos na internet ele grávido”. E expliquei: “[...] tá errado, o homem não tem útero”. Não entenderam que era XX, uma mulher, que biologicamente continua com útero, vulva, vagina... [...] eu aprendi que o masculino não tem útero para gerar uma criança. Seria isso na anatomia. Como eu iria explicar isso agora que ele está grávido?* (Carolina, diálogo-entrevista, agosto 2016).

A insistência dos questionamentos dos/as alunos/as ultrapassa a formação docente, o sentido dos significados estabelecidos pelo ensino de Biologia, e, as tentativas de negligenciar o tema. As asserções carregam referências aos órgãos e cromossomos que, supostamente, diferenciam os homens e as mulheres. Uma busca de autenticidade instalada nesses referenciais como verdade presumida de pertencimento ao masculino *ou* ao feminino. Na aula, ao dialogar com os/as alunos/as, alternativas são prescritas ao masculino e ao feminino em uma lógica binária e essencialista de correspondências *corretas* entre o sexo biológico (ser macho ou fêmea a partir da própria dotação genital e genética) e gênero. Esse jogo *forçado* gerou atritos, situações embaraçosas, borradas e confusas pela desestabilização da bio-lógica que buscava pela autenticidade. Os afetos gerados pelos hiatos, do homem grávido e o desvio produzido pela pergunta “*Como eu iria explicar isso agora que ele está grávido?*”, lançaram e instalaram lugares de meio nos territórios do ensino de Biologia.

A imagem do homem *trans* grávido continuou produzindo outras afetações possíveis, que produziram um estranho estado de desterritorialização. Ficaram perdidos/as numa terra desconhecida sem, no entanto, sequer ter saído do lugar. Foram lançados/as em territórios outros. Nesses momentos, a paisagem do ensino de Biologia foi mudando de relevo.

*[...] eu não tinha visto essa imagem. É uma coisa que me faz pensar: “como ele se sente gestando? [...] porque será que nesse momento ele quis voltar a procriar? (pausa) [...] Nós indagamos, criamos possibilidades na mente para buscar uma resposta e a resposta não se consegue. Só a gente estando muito próximo dessa pessoa para compreender como aconteceu e que influência tem na vida dele. Não é possível ainda responder. Talvez não seja essa resposta, nem cromossomo, nem hormonal. Comportamental? Não sei também! Porque existe um querer, né? [...] Quanto mais você me questiona, mais eu vejo que a gente precisa discutir isso.* (Angélica, diálogo-entrevista, agosto 2016).

O encontro com o impensado mobilizou relações de forças que marcam e movimentam os territórios. As durezas das linhas foram fraquejando, investindo em outras linhas que criam outros territórios, singularizando a experiência. Aqui, a experiência *trans* não foi inventariada em termos essencialistas hormonais e genéticos. Essas determinações foram borradas. Interesses em conhecer a história acionaram nexos múltiplos e variados na composição dos corpos e fazendo com que eles existam, não como uma essência, dentro de um contexto para além de determinismos biológicos e propriedades orgânicas, acionaram aspectos culturais e simbólicos que constituem percepções sobre corpos, gêneros, órgãos e fluídos. Os vazamentos foram produzindo ressonâncias nos territórios do ensino de Biologia. As interrogações e as desestabilizações que aconteceram abriram brechas, fissuras e possibilidades de escapes: O que significa um verdadeiro homem, uma verdadeira mulher? Há uma essência em ser homem ou mulher? O ser homem ou ser mulher são determinados unicamente pela escrita biológica? Todas as mulheres apresentam a configuração XX e útero?

Os encontros com Alice Pagan provocam sinalizações de (ex)periências de gênero com aberturas para variações contínuas e contextuais que compõem os territórios do ensino de Biologia com ares de possibilidades com o corpo, com os órgãos, com vidas que quebram os

estratos territoriais que as aprisionam em categorias assentadas ou especulares aos genes, aos hormônios, aos caracteres sexuais secundários e as genitálias. Ela nos dizia: “Um pênis é um órgão, uma vagina, também. Cromossomos XX ou XY são apenas versões diferentes de cromossomos com determinadas relações com a morfologia do corpo. Enriqueceria o debate se não tomarmos como fato que estes elementos biológicos estão diretamente associados a um gênero” (PAGAN, 2017, p. 7), e, além disso, tencionava:

Ser mulher é ter vagina? E por que continuam a dizer que uma mulher trans, que fez readequação de órgão genital, não é mulher? Ser mulher é ser XX? Mas, e o caso das pessoas XO, XXY? E a minha existência, sou uma mulher XY que tem um pênis e que não tem seios. [...] Minha singularidade, por exemplo, me permite refletir o quanto inadequado é tratarmos cromossomos XX como de mulher e XY, de homens. Terminologia comumente usada em livros e aulas de Biologia. Eu diria que XX, em interação com o ambiente, pode proporcionar condições para um mamífero gerar e amamentar sua prole, contudo esses cromossomos não transformarão esse indivíduo em mulher, posto que o gênero feminino é um produto da cultura. Não é o cromossomo que faz a maior parte dos homens brasileiros gostarem de futebol, mas as marcações de gênero que estimulam os meninos desde a infância a brincar de bola [...]. Certamente, meus cromossomos ou meu pênis jamais ensinaram-se coisas desse tipo, pelo contrário, as pessoas é que tentavam me ensinar a ser menino. (PAGAN, 2017, p. 5-6).

As provocações e os questionamentos foram sendo pulverizados pelos territórios, invadindo-os em meio a forças caóticas, sem coordenadas, direções e sem imagens definidas. No entanto, movimentos nos espaços reguladores que habitam os territórios do ensino de Biologia foram reinvestidos em um contexto para além de determinismos biológicos.

*[...] Se eu herdei XX, por que eu não me comporto como XX? [...] já que os meus hormônios são mais progesterona do que testosterona [...] Não tem como colocar o que aconteceu? Que ele está transitando? O que é...? São experiências novas? Podem ser experiências novas, em que eles são diferentes.* (Carolina, diálogo-entrevista, agosto 2016).

Aqui produziram buracos, cambalearam e ficaram em estado de indecisão nos territórios. Começaram a pensar os modos de vida das pessoas *trans* como algo em vias de se fazer, enquanto experiências. Dificuldades e tentativas de se pensar as experiências de pessoas *trans* e que ao dar um salto até o inverificável, potencializaram nos territórios do ensino de Biologia a multiplicidade de existências “*Não temos como colocar o que aconteceu? Que ele está transitando? O que é...? São experiências novas? Pode ser experiências novas que eles... Diferentes...*”. (Carolina, diálogo-entrevista, agosto 2016). Submerge nos territórios saltos, desmobilização de verdades e certezas dos saberes disciplinares da Biologia que consistem em dar de antemão uma propriedade para a existência *trans*.

Com isso explicações das alterações cromossômicas e hormonais não amarradas à causalidade das experiências de pessoas *trans* circularam pelas aulas de Biologia.

*[...] os/as alunos/as perguntam se tem uma alteração para a pessoa querer ser menino e não menina, se existe alguma coisa que é liberado que faz querer ser ela ou que tenha alguma coisa lá dentro (referência ao DNA) que faz querer ser outro/a. Mas não tem. Não tem [...] alteração biológica. [...] Os/as alunos/as acham que deve ter algum gene, um cromossomo diferente do outro. No cariótipo não tem nada que mostra que teve alterações.* (Carolina, diálogo-entrevista, agosto 2016).

Nos encontros da viagem fomos percebendo que a batalha não estava perdida. Olhares

armados que só visualizavam territórios do ensino de Biologia como indestrutíveis e irredutíveis foram se decompondo. Eles podem sim comportar a multiplicidade, a diferença, o movimento, corpos, gêneros e sexualidades, convidando a pensar que um ensino de Biologia outro, também, pudesse funcionar.

Foram movimentos de fluxos cartografando resistências a partir de pequenos abalos sísmicos nos territórios. Afetamentos por outras biologies que dão passagens para anatomias, fisiologias e genéticas banhadas de vida e multiplicidades.

### **Agradecimentos e apoios**

Agradeço aos/as colaboradores/as da investigação de doutorado.

### **Referências**

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da C. A e J. A. Guilhon A. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

DELEUZE, G.; PARNET C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa A. R. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs, v.1**. Tradução de A. L. O, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34. 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs, v.3**. Tradução de Aurélio G. N, Ana L. O., L. C. L e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34. 2012.

PAGAN, A. A. Biologia para o autoconhecimento: algumas considerações autobiográficas. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC. Universidade Federal de Santa Catarina. 3 a 6 de julho de 2017. **Anais...** Florianópolis/SC, p. 1-9.

\_\_\_\_\_. O ser humano do ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. In: VII Encontro Regional de Ensino de Biologia/NE – Regional 5. Universidade Regional do Cariri. 06 a 09 de setembro de 2017. **Anais...** Crato/CE, p. 1-13.

PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 13-21.

SANTOS, S. P. **Experiências de pessoas trans - ensino de Biologia**. 2018. 289 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.